

# AS UNIDADES NARRATIVAS EM *AS MULHERES DE MANTILHA*

Lauro Belchior Mendes

Em "Por onde começar?", Roland Barthes lembra as palavras de Revzin em que o lingüista afirma: " Em cada processo de elaboração da informação podemos isolar um certo conjunto A de signos iniciais e um certo conjunto B de signos finais observados. A tarefa da descrição científica consiste em explicar de que maneira se efetua a passagem de A para B, mostrando quais as ligações entre esses dois conjuntos (quando os elos intermediários são demasiadamente complexos e furtam-se à observação, a cibernética refere-se à caixa-preta)".

O romance que é o objeto do presente estudo apresenta "a bela disposição, eminentemente didática, do romance balzaquiano". Assim, não há dificuldade no estabelecimento dos dois conjuntos a que se refere Revzin. Na verdade, Joaquim Manuel de Macedo oferece ao leitor a visão dos dois conjuntos, um dos quais já delineado na "Introdução do Autor": A) O despotismo do governo do Conde da Cunha no vice-reinado Brasil entre os anos de 1763 a 1767, possibilitando a Alexandre Cardoso de Meneses cometer muitos crimes, entre eles, a tentativa de sedução de Inês Lúrio.

B) A punição de Alexandre Cardoso de Meneses e a condenação, pela Metrópole, do governo do Conde da Cunha.

Atravessar a caixa-preta que se situa entre estes dois conjuntos, no caso de *AS MULHERES DE MANTILHA*, não oferece dificuldade: a composição é didática, trata-se de uma

narrativa de estrutura simples, a análise comprovará facilmente as transformações do conjunto A para o conjunto B. A comprovação da transformação desses signos iniciais (A) em signos finais (B) será por enquanto abandonada; tal fato será retomado no final do trabalho, quando se discutir a questão da ideologia do romance e do quadro diegético inicial. De qualquer forma, é importante dizer, a análise das unidades narrativas, que se pretende fazer aqui, compreende aquilo que se situa entre estes dois polos, ou seja, o andamento do discurso. Tal análise será mais temática que formalista, buscando obter uma visão semântica, enquanto temática, simbólica e ideológica.

Roland Barthes, em *Análise Estrutural da Narrativa*, propõe, embora provisoriamente, a descrição da narrativa através de 3 níveis:

- 1 — o nível das funções
- 2 — o nível das ações
- 3 — o nível da narração

As unidades da narrativa pertencem ao primeiro nível, o das funções. Estes 3 níveis não existem isoladamente, uma função só tem sentido quando estiver ligada à “ação geral de um actante”, que deverá ser narrada, “confiada a um discurso que tem o seu próprio código”.

Este trabalho é, portanto, parcial, uma vez que a análise explora apenas o primeiro dos 3 níveis; somente de passagem, recorrer-se-á aos outros, assim mesmo, quando for absolutamente necessário, dada a natureza integrativa de todos eles.

Para efeito de maior facilidade de trabalho, segue-se uma relação de actantes, com informantes fornecidos pelo próprio discurso. É importante dizer que estes actantes não aparecem aqui em ordem de importância no texto, mas principalmente pela simbólica de sua participação no mesmo. Muitos foram colocados à parte, como por exemplo-Inês Lírio (esposa), Irene Lírio, Inês Lírio (filha), Antônio Pires, Germiano, Ângelo, e muitos outros. Os 4 primeiros desta lista podem perfeitamente ser englobados por Jerônimo Lírio, que é a representação do bem e da virtude, como eles. Os actantes escolhidos são:

- Ac1 — Alexandre
- Ac2 — Jerônimo
- Ac3 — Conde da Cunha
- Ac4 — Maria de ...
- Ac5 — Isidora/Isidoro
- Ac6 — Emiliana

Os informantes que se seguem são de natureza estática no corpo do discurso, pois aparecem através de diégeses; foram escolhidos traços segundo o princípio de pertinência, e abandonados os meramente redundantes.

Ac1 — informantes:

- “ abutre ”
- “ cabeça e braço violento do Conde da Cunha ”
- “ muito suspeito oficial ”
- “ olhos ardentes e cobiçosos ”
- “ sempre de acordo com o governo ”
- “ déspota ”
- “ mau gênio ”
- “ amava as mulheres bonitas ”
- “ amava o luxo ”
- “ amava o jogo ”
- “ amava o dinheiro ”
- “ pôs a justiça e a administração à venda em seu proveito ”
- “ chefe de uma banda de mancebos imorais ”
- “ terror das famílias ”
- “ testemunho vivo da perversão do governo ”

Ac2 — informantes:

- “ grave ancião ”
- “ português e rico negociante ”
- “ zeloso pai ”
- “ austeros costumes ”
- “ esposo modelo ”
- “ homem de bem ”
- “ nobre velho ”

“ amizade ”  
“ dignidade ”

Ac3 — informantes:

“ costumes rígidos ”  
“ caráter severo ”  
“ honesto ”  
“ bem intencionado ”  
“ déspota no governo ”  
“ plena e cega confiança ” em Ac1

Ac4 — informantes:

“ da mais nobre estirpe luso-brasileira ”  
“ independência audaciosa ”  
“ natureza ardente e indomável ”  
“ bela mulher ”  
“ elegante e pervertida ”  
“ deusa das implacáveis vinganças ”  
“ cortesã ”  
“ mulher inconstante e louca ”  
“ não era celerada ”  
“ mulher reprovada ”

Ac5 — informantes:

“ alta, esbelta ”  
“ não era bem feita de corpo ”  
“ peito demasiadamente largo ”  
“ cintura pouco delicada ”  
“ cabeça magnífica ”  
“ bela, mas desajeitada ”  
“ comia como Antônio Pires e Jerônimo ”  
“ braço varonil ”  
“ arrojo e força de leão ”  
“ agilidade ”  
“ valente amazona ”  
“ linda jovem ”

Ac6 — informantes:

“ quase desmentia a origem do pai ”

“ bonita ”

“ boa educação moral ”

“ honesta e esperta ”

Uma vez estabelecida esta relação de actantes com seus informantes principais, torna-se possível o levantamento das funções distribucionais, que para Roland Barthes são as relações que correspondem a uma funcionalidade do fazer. Estas funções podem ser cardeais (ou núcleos) ou catálises. Em *AS MULHERES DE MANTILHA*, a verificação das funções deve ser feita levando-se em conta os dois conjuntos em que se concentra a narrativa. De fato, todo o discurso versa sobre a tentativa de sedução de Inês Lírio, tentativa empreendida por Alexandre e o lento esclarecimento de seus crimes, até chegar ao ponto culminante de sua prisão/banimento/miséria/punição. Pode-se afirmar que estes dois conjuntos representam as duas seqüências mais significativas da narrativa. Há, entretanto, duas outras seqüências que também são importantes, porque ajudam ou comprovam as duas primeiras. Uma terceira seqüência é aquela que faz o levantamento histórico do desregramento do governo do Conde da Cunha (que, apesar de tudo, já é conhecido do leitor, desde a diégese introdutória). Uma quarta seqüência é a que diz respeito ao estupro de Emiliana, que coloca em risco a possibilidade da primeira seqüência, isto é, este fato é uma ilustração concreta do que realmente poderia acontecer à “inocente” Inês Lírio. Adotando-se a definição de Roland Barthes de que “ uma seqüência é uma série lógica de núcleos, unidos entre si por uma relação de solidariedade ”, segue-se a demonstração de cada seqüência com os seus respectivos núcleos, reafirmando-se a prioridade das duas primeiras, sem o desmerecimento das demais.

PRIMEIRA SEQÜÊNCIA: Alexandre Cardoso pretende seduzir Inês Lírio.

- 1 — Na festa de reis Alexandre cumprimenta Jerônimo.
- 2 — Alexandre visita Jerônimo.
- 3 — Isidora é aceita como hóspede de Jerônimo.
- 4 — Jerônimo é intimado a comparecer ao palácio do Conde da Cunha e fá-lo imediatamente.
- 5 — Alexandre afirma ao Conde da Cunha que ama Inês Lírio.
- 6 — ( número 4 da segunda seqüência )
- 7 — ( número 5 da segunda seqüência )
- 8 — O Conde da Cunha verificará em dois meses se os crimes de Alexandre são verdadeiros.
- 9 — Alexandre jura vingar-se “ em Inês do orgulhoso pai de Inês ”.
- 10 — Alexandre planeja sozinho o crime contra Inês.
- 11 — Na noite da serração da velha, Antônio Pires recebe Jerônimo e família para jantar.
- 12 — Soldados de Alexandre atacam a família de volta para a Gamboa, e pretende-se raptar Inês.
- 13 — Plano de Alexandre se frustra: Isidora/Isidoro salva Inês.

SEGUNDA SEQÜÊNCIA: A punição de Alexandre Cardoso

- 1 — Maria planeja vingança.
- 2 — Jerônimo lança dúvidas na confiança que o Conde da Cunha depositava em Alexandre.
- 3 — Alexandre perde no jogo para Ângelo.
- 4 — O Conde da Cunha visita Jerônimo.
- 5 — O Conde da Cunha pede a mão de Inês para Alexandre.
- 6 — O Conde da Cunha investigará se os crimes atribuídos a Alexandre são verdadeiros.
- 7 — O Conde da Cunha ouve os sinos anunciando o incêndio.

- 8 — O Conde da Cunha recebe o relatório anônimo anunciando o incêndio.
- 9 — O Conde da Cunha vê Alexandre sair da casa da velha Pôncia.
- 10 — O Conde da Cunha interroga a Alexandre sobre o incêndio.
- 11 — Alexandre se propõe diante do Conde da Cunha a descobrir o crime e os criminosos.
- 12 — O Conde da Cunha anuncia a Alexandre que Jerônimo recusou-lhe a mão de sua filha.
- 13 — Proibido nos dias anteriores, o Conde da Cunha permite o jogo do entrudo na terça-feira.
- 14 — Maria propõe vingança a Clélio Írias.
- 15 — O Conde da Cunha recebe relatório e toma conhecimento dos acontecimentos relativos a Clélio Írias.
- 16 — O Conde da Cunha envia Germiano para interrogar Clélio Írias.
- 17 — Emiliana procura o Conde da Cunha e é aparentemente incompreendida.
- 18 — O Conde da Cunha chama Jerônimo para lhe explicar como foi o atentado.
- 19 — Isidoro informa ao Conde da Cunha quantos homens havia ferido.
- 20 — Germiano descobre os oficiais feridos por Isidoro.
- 21 — Na ceia de 21 de março, o Conde da Cunha anuncia que Alexandre Cardoso está preso.
- 22 — Alexandre retorna a Lisboa, onde acaba na miséria.

**TERCEIRA SEQUÊNCIA:** O quadro histórico do governo do Conde da Cunha.

- 1 — Jerônimo propõe resistência pacífica aos desmandos do governo.
- 2 — ( o número 4 da primeira seqüência )
- 3 — O Conde da Cunha se utiliza de Germiano para investigar os “ possíveis ” crimes de Alexandre.

- 4 — ( número 21 da segunda seqüência)
- 5 — Antônio Pires prevê desgraça para o Conde da Cunha.
- 6 — O povo não perdoa ao Conde da Cunha não haver castigado Alexandre no Rio de Janeiro.
- 7 — O Marquês de Pombal condena a administração do Conde da Cunha que é substituído pelo Conde de Azambuja.
- 8 — O Conde da Cunha retorna a Portugal.

QUARTA SEQUENCIA: O estupro de Emiliana.

- 1 — Alexandre envia anel a Emiliana que não o aceita.
- 2 — Maria anuncia a Gonçalo Pereira que Alexandre fará incendiar a casa de Marcos Fulgêncio para seduzir Emiliana.
- 3 — Alexandre violenta Emiliana.
- 4 — Emiliana cuida de Clélio Írias.
- 5 — Emiliana se casa com Clélio Írias.
- 6 — Clélio morre.
- 7 — Emiliana torna-se herdeira de imensa fortuna.

Desta forma, foram enumeradas as funções cardinais ( ou cardeais) que estabelecem a intriga do romance. Quanto às catálises, dado o seu caráter subsidiário, seria enfadonho e desnecessário fazer um levantamento que pretendesse abarcar a sua grande maioria. Relacionam-se aqui algumas para efeito de demonstração:

- 1 — Alexandre Cardoso procura Célio Írias para pedir-lhe dinheiro emprestado.
- 2 — Irene e Inês aprendem a cantar modinhas e lundus.
- 3 — Fernanda toma conhecimento do estupro de Emiliana.

À funcionalidade do ser correspondem as funções integrativas, que compreendem os índices ( significados implícitos) e os informantes (dados puramente significantes). Retornando-se aos actantes escolhidos, verificar-se-á que para cada um



deles foi enumerada uma relação de informantes, fornecida pelo próprio discurso (os informantes enraizam a ficção no real e situam-se no nível do discurso). Aos índices corresponde uma atividade de deciframento. Escolhendo um informante qualquer (poderia ser qualquer um dos que foram enumerados), pode-se fazer uma relação do informante com o índice. Como exemplificação, aplica-se o seguinte modelo:

Ac { informante  
índice

Desta forma, têm-se:

Ac1 { "abutre"  
maldade

Ac2 { "austeros costumes"  
bondade

Ac3 { "plena e cega confiança"  
mau governo

Ac4 { "elegante pervertida"  
amante vingadora

Ac5 { "braço varonil"  
coragem

Ac6 { "honesto"  
vítima recompensada.

Evitou-se, até aqui, qualquer utilização do termo Romantismo, numa tentativa de se fazer uma análise objetiva da obra em questão. Demonstradas as unidades narrativas,

é inevitável, no entanto, inserir agora *AS MULHERES DE MANTILHA* no ideário romântico. O conjunto dos signos iniciais ( a sedução) e o conjunto de signos finais ( a punição) demonstram bem a preocupação de demonstrar que o crime não compensa e que o bem sempre triunfa sobre o mal na mitologia burguesa. Na verdade, embora escrevendo um romance histórico, os valores ( a honestidade, a inocência, o altruístico, a virgindade, a fidelidade, o casamento, a religião, a amizade, etc) que Joaquim Manuel de Macedo apresenta nesta obra são os valores fundamentais da sociedade burguesa, que ele defende e justifica. Da mesma forma, a condenação da luxúria, da prostituição, da cobiça, da “ gente não estimável”. Verifica-se uma simbologia não só em relação aos actantes (todos eles são exatamente os mesmos durante toda a narrativa, ninguém muda) como também a algumas ações: Alexandre é personificação do mal, da mesma forma que Jerônimo é a personificação do bem. Maria de... é a prostituta irrecuperável, no seu eterno destino de amante de governadores. A sedução de Emiliana, moça pobre, é exatamente a ilustração do que poderia vir acontecer à Inês Lírio, moça rica, cuja virgindade fica reservada para o desfrutar de Isidoro, também rico. Fica assim claro, que por ser de condição social inferior, a violentação de Emiliana é mais “aceitável”. É importante observar que Emiliana perde um bem moral, mas será recompensada dentro dos limites da “moral” burguesa — o casamento e a fortuna asseguram-lhe o futuro. Não importa a viuvez, importa o novo nome “ Írias ” que passa a usar. Joaquim Manuel de Macedo aceita as regras do jogo, e, segundo Piaget, a função da regra é conservar os valores. Não é objetivo do presente trabalho discutir as diversas tentativas de definição de ideologia. Narciso Pizarro lembra, porém, que no estudo do discurso romanesco é necessário utilizar noções ideológicas, porque o modo de produção desse discurso o exige, estando, portanto, o romance determinado pela ideologia. Tal é o caso de as *AS MULHERES DE MANTILHA*. O discurso é realizado segundo as normas, valores e preconceitos burgueses.

BIBLIOGRAFIA:

MACEDO, J.M. *AS MULHERES DE MANTILHA*  
Edições de Ouro.

BARTHES, R. *INTRODUÇÃO À ANÁLISE ESTRUTURAL  
DA NARRATIVA*. Vozes.

BARTHES, R. *NOVOS ENSAIOS CRÍTICOS O GRAU ZERO  
DA ESCRITURA*. Cultrix.

FAGES, J.B. *PARA ENTENDER O ESTRUTURALISMO*  
Moraes Editores.

PIZARRO, Narciso. *ANÁLISIS ESTRUCTURAL DE LA  
NOVELA*.